

social para as políticas de saúde, abordando criticamente as campanhas para a redução do tabagismo e salientando a estratégia de utilizar os media para o incremento da enfermagem, como profissão.

O leitor poderá identificar que a gestão da saúde combinada com humanização dos cuidados constitui o princípio constitutivo das análises apresentadas neste livro. Os textos compilados nesta obra analisam complexidades, debatem ideologias e fornecem soluções e sugestões no âmbito de políticas em saúde. Produto de uma visão e experiência privilegiadas, combinando maturidade intelectual com alguma ironia, a abordagem de Paulo Moreira é uma importante referência para o conjunto da reflexão sobre a gestão da saúde, a prestação de cuidados e o uso dos serviços de saúde.

Patrícia Pinto

André Green. 2007. *Pourquoi les Pulsions de Destruction ou de Mort?*. Paris: Éditions du Panama. 255 pp. ISBN 978-2-7557-0144-9.

Em boa hora Roger Pol-Droit foi dirigir a colecção Cyclo numa nova editora, a recém criada (2005) Éditions du Panama. A colecção obedece a um interessante figurino. Cada livro propõe-se, conforme se explica na contra-capla, passar em revista uma determinada questão, o que é levado a cabo, não só com o texto de um autor 'competente' (curiosa expressão), mas também com um dossier de textos e documentos de referência, tudo acompanhado de ilustrações pertinentes.

No caso que estou a analisar, o livro é de André Green, publicado em Março de 2007 e tem uma excelente apresentação gráfica, reproduções pictóricas incluídas. No final, há um pequeno conjunto de excertos de textos de autores referenciados na obra, de Homero ao biólogo Jean-Claude Ameisen. O texto de Green é notável e vem culminar a extensíssima obra deste autor, figura maior da psicanálise contemporânea. O resultado final é, de facto, 'competente'.

Tive a oportunidade de ver e ouvir André Green, recentemente, num seminário por ele promovido em Paris, meses antes de este livro sair a público. O tema era o mesmo: a pulsão de morte. Sentado atrás de um mesa

demasiado pequena para ele, alto e algo desajeitado, falava perante uma sala cheia daquilo que me pareceu serem discípulos fiéis, se bem que indisciplinados. Percebia-se que estavam em casa. Eu também me senti em casa. Não tanto por qualquer simpatia particular do discursante, inexistente, aliás, mas pela sua lucidez e extraordinária capacidade de gerar interrogações. Homem cultíssimo, de discurso acutilante, parecia simultaneamente atento e cansado. Do alto dos seus oitenta anos, invectivava os ouvintes de microfone um punho, impaciente perante modos de expressão alheios que pudessem dar a entender um raciocínio menos ágil, o que aliás não se coíbia de assinalar, sempre que achava necessário.

O suicídio das células. A morte programada das células. Eis o tema do livro a que mais se referiu: *La Sculpture du Vivant: Le Suicide Cellulaire ou la Mort Créatrice*, de Jean-Claude Ameisen (Paris, Seuil, 1999). Pensando bem, foi sobretudo de suicídio que Green falou, naquele Dezembro frio de 2006. Terminou a conferência lendo, em voz alta, uma série de cartas de uma sua paciente, com uma situação clínica grave, e que interrompeu e voltou à análise, por várias vezes, ao longo de mais de 20 anos.

Se a conferência deixou uma espécie de sabor a morte (a que não foi certamente alheia a forma como terminou, sabendo-se do suicídio desta paciente), o livro, entretanto publicado vem, não digo consolar-nos, porque como notou Stig Dagerman (*A Nossa Necessidade de Consolo é Impossível de Satisfazer*, Lisboa, Fenda, 2004), não há consolação possível, mas lançar mais interrogações e dúvidas, sobre a morte e a sua destrutiva pulsão.

André Green dividiu o livro em três partes. Na primeira, intitulada *Fondations*, precede a uma perspicaz e conhecedora revista do conceito de pulsão de morte em Freud e a sua ligação ao narcisismo, pedra angular na construção do conceito. Na segunda parte, a que chamou *L'Onde de Choc de la Pulsion de Mort*, faz um inventário das reflexões de autores posteriores a Freud, de Melanie Klein (ênfase nas pulsões destrutivas desde o início) a Rosenfeld (o narcisismo destrutivo como expressão da pulsão de morte) e Bion (pensar a incapacidade de pensar/ataque ao vínculo/expressão da pulsão de morte); de Winnicott (admite a regressão a um estado de não-vida, associado ao narcisismo primário) a P. Marty

(que fala de desorganizações contra-evolutivas). Em adição às teorias e desenvolvimentos destes autores, Green acrescenta as suas próprias reflexões sobre as perturbações da auto-regulação (distúrbios alimentares e toxicomania), a depressão essencial da psicossomatose, a melancolia e o suicídio, patologias em que é visível o trabalho, muitas vezes silencioso, da pulsão de morte

A terceira parte intitula-se *La Pulsion de Mort dans le Camp Social. La pulsion de Mort dans la Culture*.

É conhecida a relutância, mesmo a repulsa, com que o conceito de pulsão de morte, introduzido formalmente por Freud em 1920, foi recebido na comunidade psicanalítica. Nove anos antes, Sabina Spielrein tinha apresentado um trabalho sobre o tema, em Viena, a Freud e a alguns dos seus associados, que fora recebido com interesse, mas alguma reserva (cf. A. Cerotenuto, *A Secret Symmetry: Sabina Spielrein Between Jung and Freud*, Nova Iorque, Pantheon Books, 1982). A questão apresenta-se, desde o início, problemática, com um prognóstico precoce de parto difícil, além de susceptível de criar cisões no movimento psicanalítico. O futuro viria a dar razão aos receios de Freud.

Ernest Jones confessou nunca ter conseguido utilizar o conceito da pulsão de morte na clínica (Ernest Jones, 'Origin and Structure of the Super-Ego', *Int. J. Psycho-Anal.* 7 (3-4), pp. 303-311, 1929). Abraham parece ter preferido ignorá-lo. Quanto a Ferenczi, diz Green (p.89), a questão da pulsão de morte é o não dito do desacordo entre ele e Freud.

Moisés e o Monoteísmo, publicado em 1939, é um texto acerca do parricídio, onde no entanto Freud, estranhamente, nunca faz referência à pulsão de morte. No entender de Green (p.74), tal deveu-se não à renúncia ao seu pensamento, mas a ter preferido calar uma noção incómoda para os seus seguidores e que poderia perturbar o futuro da teoria psicanalítica. Oitenta anos depois, a situação pode resumir-se, diz Green, assim: as palavras foram recusadas; a coisa, em contrapartida, geralmente reconhecida (p. 151).

No meu entender, o leitor só ganha em passar directamente da leitura da primeira parte à da terceira, deixando para depois a segunda. Existe uma continuidade de pensamento entre a primeira e a terceira partes que é importante não interromper, designadamente no que toca ao papel do trabalho civilizacional da obra de Freud e à sua visão

da sociedade como domínio electivo da pulsão de morte.

Este é certamente o livro mais interrogativo de André Green, e esse não é o menor dos seus méritos. A terceira e última parte termina com uma espécie de aviso de despedida em que Green se interroga de uma forma franca clara - e que não é frequente neste tipo de livro - quase obsessivamente, sobre a existência da propriamente dita, a pulsão de morte. Antes, tinha-se referido extensamente ao livro de Jean-Claude Ameisen, biólogo e imunologista, que postula o poder de autodestruição do ser vivo como a contrapartida do seu poder de auto-organização. Assim, o suicídio celular, já cientificamente comprovado, seria o preço a pagar pela vida. Estamos a todo o momento, como seres vivos, em parte a renascer e em parte a morrer. A autodestruição das células seria uma condição do crescimento e da sobrevivência. Uma célula é uma entidade fluida, dinâmica, em equilíbrio instável, escapando sem cessar à sua destruição. Seria esta precariedade que estaria na origem, simultaneamente, da complexidade dos seres vivos e da sua vulnerabilidade.

Deve distinguir-se a pulsão de morte da morte, avisa Green (p.201). A morte é um facto cientificamente atestável; a pulsão *empurra* para a morte. É um conceito, escreve Green, que decorre do processo de construção da teoria Freudiana (ela própria plena de construções e de desconstruções, acrescento eu). Será mais fácil de entender, diz Green, se o substituirmos pela expressão pulsão de destruição, *auto-* e *hetero-*, ou seja dirigida contra si próprio ou contra o outro. Essencial, diz-nos Green, é ter em mente o par construção/destruição, com o seu correlato intrincação/desintrincação (p.203).

Qual vem primeiro, a destrutividade dirigida para fora ou aquela que é dirigida para dentro? Green confessa que não tem resposta a essa pergunta; o que é importante é a referência a uma destrutividade originária com dupla orientação, e que é a maior parte das vezes inconsciente (p. 204). Conceito central, ainda inacabado. Green considerou este ensaio uma continuação da sua anterior obra *Le Travail du Négatif* (Paris, Les Éditions de Minuit, 1993). Como ele próprio escreve, trata-se de um *Durcharbeitung*, de um trabalho contínuo, querendo referir-se não só à reflexão teórica como ao próprio processo psicanalítico. Trabalho terminável e interminável.